

# HISTÓRIA, FESTAS E MÚSICA: RESISTÊNCIA A ESCRAVIDÃO NO BRASIL COLONIAL (1750-1800)

TATIANA APARECIDA LOPES GAIÃO (AUTORA) \*

FRANCISCA KELLY GOMES CRISTOVAM (CO-AUTORA) \*

A presente pesquisa tem por objetivo discutir, uma das inúmeras maneiras de resistência que teve na escravidão no Brasil colonial. Assim, discutimos o tipo de resistência que está vinculada às festas, na qual este espaço serviu de locais de sociabilidades e práticas culturais, e também um espaço que propiciaria através da dança e da música a manifestação cultural do negro. Consequentemente desmistificando a idéia de que o negro era um ser passivo e submisso diante da escravidão. Nessa pesquisa dialogo com dois teóricos, Roger Chartier e Michel de Certeau respectivamente no que se refere à questão da apropriação dos elementos utilizados pelos negros nas suas festas, e como nestas os negros aproveitavam-se de estratégias e táticas para ludibriar a elite e manter viva a sua cultura.

Palavras-chaves: Brasil Colonial, Festas e Resistência escrava.

Estudos sobre a escravidão no Brasil colonial relatam a resistência escrava, através de fugas, homicídios e suicídios entre outras formas de resistência. Diante do exposto, desmistificamos a idéia de que o negro foi um ser submisso e apático perante a escravidão. Analisaremos uma destas formas de resistência escrava, que seriam as festas e, mas precisamente um dos elementos encontrados no seu interior que seriam as músicas utilizadas pelos negros como forma de contestação. As festas promovidas pelo Estado ou pela Igreja com intuito de conter possíveis revoltas, um lugar no qual o negro poderia se “divertir” e “esquecer” o seu cotidiano de repressão e medo. No entanto esse espaço lúdico e “inocente” passa a ser resignificado pelo negro se transformando em um lugar de luta e resistência a escravidão.

Para a problematização desse artigo, partimos de uma perspectiva teórica apoiada a partir de abordagem da História Cultural e nos utilizados de conceitos como apropriação, tática, e estratégias que serão problematizados no decorrer desse artigo, Dialogado com Chartier e Certeau que se utilizam destes conceitos.

\* Graduada pela Universidade Federal De Campina Grande/UFCG e continua o curso para conclusão do bacharelado e é aluna do curso de Especialização em História do Brasil /Paraíba pela Faculdade Integrada De Patos / FIP.

\* Graduanda pela Universidade Federal De Campina Grande UFCG.

Para se relacionar com o mundo real, cada cultura constrói, a partir das práticas sociais, representações deste, as quais acabam orientando, novamente, as suas práticas sociais. As representações são, assim, a forma de conhecimento da realidade que cada sociedade constrói e reelabora através de lutas constantes. (CHARTIER, 1990: p17)

Diante do exposto, pretendemos analisar a festa no Brasil colonial que seria um espaço de representações, ou seja, a partir do momento que a festa se inicia, os negros, passam a representar outra realidade, que passa a ser reelaborada, a partir das suas práticas culturais em uma realidade pré-existente; outra realidade é articulada, uma realidade de lutas e protestos. No início a festa pensada pela elite do Brasil Colonial como um espaço de esquecimento, e de afirmação do poder passa a ser apropriada pelo negro que se utilizado desse espaço oferecido pelo Estado ou Pela Igreja já que estes se alternavam na realização de tais festividades.

As festividades estavam recheadas de simbologias como danças, fantasias, e músicas que foram utilizadas dentro da festas como forma de resistência, que possibilitavam a construção de outra realidade para a população. Os poderes instituídos acabaram ajudando para que o povo tivesse como (re)criar este mundo de contestação nas festas. Os símbolos já citados serviriam apenas para enaltecer e afirmar a soberania do Estado e da Igreja, diante da população que participavam destas festividades.

No transcorrer da festa, os negros escravos ou forros vão se aproveitando dos deslizes dos poderes intuídos que nos dias das festividades “relaxavam” sua vigilância perante a população. As táticas e estratégias eram utilizadas para contestar e impor outra realidade a realidade estabelecida pelas autoridades, ou seja, no território fornecido pelo “inimigo”, em um primeiro momento os negros pareciam “aceitar” as normas impostas pelo poderes instituídos, apenas uma estratégia para enfraquecer o olhar do outro sobre ele, e ir contra as normas vigentes. Uma destas táticas eram as músicas elementos indispensáveis em qualquer festa serviam como forma de protesto e contestação, com letras que expressavam revoltas e sentimentos reprimidos pelos negros.

A tática não tem lugar senão o do outro. E por isso deve jogar com o terreno que lhe é imposto tal como o organiza a lei de uma força estranha. Não tem meios para se manter em si mesma, à distância, numa posição recuada, de previsão e de convocação própria: a tática é movimento dentro do campo decisão do inimigo, como dizia Von Bullow, e no espaço por ele controlado. Ela não tem, portanto a possibilidade de dar a si mesma um projeto global nem de totalizar o adversário num espaço distinto, visível e objetivável. Ela opera golpe por golpe, lance por lance. Aproveita as ocasiões e delas depende, sem base para estocar benefícios, aumentar a propriedade e prever saídas<sup>2</sup> (CERTEAU, 1994: p.100)

---

Os cantos dos negros escravos ou libertos se faziam presentes. Eram músicas que cantavam a saudade da sua terra de origem, o excesso de trabalho, as más condições de trabalho, ou seja, através da música tentavam manter viva a sua cultura e mostravam a sua indignação perante a sociedade, o espaço que propiciava um “leque” de oportunidades desses cantos serem ouvidos e tocados nas festas.

Quando iô tava minha terra  
Iô chamava capitão  
Chega em terra de branco dim branco,  
Iô me chama de-Pai João.  
Quando iô tava na minha terra  
Comia minha galinha, chega na terra dim branco  
Carne seca com farinha  
Quando iô tava na minha terra  
Iô chamava generá,  
Chega na terra dim branco  
Pega o cesto e vai ganha  
Dizaforô dim branco  
No si pode atura,  
Ta comendo, ta drumindo, manda negro trabaiá.<sup>3</sup>

Neste canto, O lundu de Pai João, o negro é representado pela figura de Pai João que durante muito tempo foi considerado submisso, aceitando a escravidão. Mas a historiografia brasileira mais recente mostra este que lutou pra combater a escravidão e que se utilizou da música para apresentar seu cotidiano e manter vivas as suas raízes, esta canção mostra indivíduos que se expressavam através da música a saudade da sua terra natal, as más condições de vida sua alimentação que era precária. Nos últimos versos o negro apresenta a sua revolta, não aceitando a petulância do senhor de escravos, e fica indignado com sua situação de escravidão, pois, enquanto o senhor ganha dinheiro pelo trabalho do escravo, este não recebe nada para trabalhar.

(..) branco dize quando morre.  
Jesus Cristo que levo,  
E o pretinho quando morre  
Foi cachaça que matou...

---

<sup>3</sup> Trecho da canção Lundu de Pai João retirada do livro Mendes. Canções Populares do Brasil, Rio de Janeiro, Livraria Cruz Coutinho, p. 15

Branco dize preto furta  
Preto furta com razão  
Senhor branco também furta  
Quando apanha ocasião  
Nosso preto furta galinha  
Furta saco de feijão;  
Sinhô branco quando furta  
Furta prata e plantação

Nosso preto quando furta  
Vai para na correção,  
Logo sai sinhô barão <sup>4</sup>

O negro nesta música apresenta as desigualdades naquele período no Brasil colonial, mostram que o branco devoto e de conduta quase inabalável e respeitado pela sociedade, por isso que quando morre é levado para o céu, e o negro por sua conduta inadequada morre pelo seu comportamento desregrado perante a sociedade. Diante disto, o branco afirma que o negro não tinha religião, pois quando chegou ao Brasil no período colonial a única religião que era aceita pelos “brancos” era cristianismo que deveria ser ensinado, portanto os negros deveriam ser catequizados e abandonar o seu “culto pagão” para que pudessem ser salvos quando morressem.

Nos versos “nosso preto furta galinha/ furta saco de feijão/ sinhô branco quando furta/ furta prata e plantação/nosso preto quando furta/vai para na correção”. Estes versos apresentam uma das injustiças cometidas pelos senhores de escravos, contra seus escravos, quando estes roubavam comida para alimentar a sua família eram punidos severamente, em inúmeros casos com castigos corporais comuns no Brasil Colonial. Enquanto o seu senhor que roubava prata e plantação não era punido pelos seus atos, por se tratar de um homem branco e rico, ou seja, as leis não eram iguais para todos favorecendo apenas aqueles que tinham dinheiro e faziam parte da sociedade.

Em outro canto, o D. Frei Antonio do Desterro que desejava eliminar o Lundu do Rio de Janeiro, nos fins do século XVIII, condena a música, pois, vai contra a moral estabelecida pela sociedade da época, mas, na verdade está música era de cunho satírico que muitas vezes desafiava as autoridades locais, colocando em cena as injustiças cometidas pela sociedade.

Já não se canta o lundu.  
Que não quer o senhor bispo  
Mas eu já pedi licença  
Da Bahia ao arcebispo.  
Frei Antônio do Desterro  
Quer desterrar a alegria (...).

---

<sup>4</sup> Trecho da canção Lundu de Pai João retirada do livro Mendes. Canções Populares do Brasil, Rio de Janeiro, Livraria Cruz Coutinho, p. 16

Apesar da proibição do bispo, os negros não ficaram calados perante o seu veto ao Lundu, então decidiram protestar através do Lundu a sua revolta, sua indignação diante do bispo, com todo o seu humor e alegria.

Mas eu sou patusco velho  
e teimarei na folia  
E hei de canta  
E hei de dançar  
saracotear  
com as moças brincar  
e impunemente  
cantando o lundu  
Ao bispo furente  
irei uh!uh!uh!<sup>5</sup>

Os negros escravos ou libertos nas festas se manifestavam contra a sociedade no período colonial, para apresentar as contradições em que viviam mesmo com todo um clima de opressão e medo impostos pela sociedade. Os negros não permaneciam calados e com seus instrumentos de luta em especial a música que expressava sonoramente as injustiças do seu cotidiano.

Uma das injustiças seria a própria condição do escravo que é apresentada neste outro Lundu de Pai João. Na sua terra (natal) o negro tinha sua liberdade, só que ao chegar ao Brasil trazido como escravo o negro passa a ter outra condição a de cativo do seu senhor, sendo tratado como uma mercadoria, já que passa a ser vendido como se fosse um simples objeto perdendo a sua dignidade.

(...) Lá na nossa terra.  
Nóis é forro, liberto.  
Agora chega a terra de branco  
Ta no cativoiro  
Ô lô, ô lá, xê, xê.

Ô lê, vá gum  
Nóis em terra de branco  
Ta passando má  
Lá em terra nosso  
Tomo liberto  
Ô lê, vá gum

Nestes cantos o negro não apresenta apenas a injustiça que é cometida, mas a sua vingança, seu ressentimento pelo que o senhor obriga o escravo a passar. Neste canto, o negro se vinga do seu

---

<sup>5</sup> Trecho da canção Pai João retirada de Artur Ramos. O folclore negro do Brasil. 2ª ed. Rio de Janeiro, Editora da Casa do Estudante do Brasil, 1935. p18

senhor roubando, e vendendo um boi conseguindo dinheiro justamente com outro escravo desafiando o seu senhor, mostrando a sua resistência diante do domínio do branco. Diante disto podemos evidenciar uma forma de resistência e de não aceitar ser submisso.

Parente tu não se alembra  
Daquele boi do meu sinhô  
Qui nois carregô?

Eu me alembra  
Levou debaixo do pé de ingazeira  
Na beira do rio  
Vendemo e partimo dinheiro

Tiririca é faca de cortá  
Folga nêgro, branco não vem cá  
Se vié cacete há de leva  
Tiririca é faca de cortá

Outra temática abordada pelos negros nas suas canções eram as condições de trabalho escravo que eram submetidos alguns escravos que trabalhavam no interior da casa grande, nesta música a sinhá proibem qualquer tipo de divertimento no interior da sua casa, em especial na cozinha local de trabalho. Ou seja, escravo não tem direito ao divertimento que fica restrito ao seu senhor.

Batuque na cozinha  
Sinhá não que,  
Batuque na cozinha  
queimei meu pé.  
Trepei na roseira  
quebrei um gaio  
Segura morena sinão eu<sup>6</sup>

As músicas que estavam presentes nas festas no Brasil colonial, que desafiavam os poderes instituídos que se expressavam sonoramente, apresentado nas festividades a sua revolta, espaço permitido para alegria e divertimento e que a principio serviria para controlar possíveis conflitos da sociedade aliviando as suas tensões, só que nas mãos dos negros.

Um riso mais burlesco é posto em cena, para desafiar as autoridades através de manifestações culturais nas festas. Manifestações que se utilizavam de vários elementos pertencentes à festa, em especial a música que com jocosidade e malícia apresenta um repertório de

---

<sup>6</sup> Trecho da canção Lundu de Pai João retirada do livro Mendes. Canções Populares do Brasil, Rio de Janeiro, Livraria Cruz Coutinho, p. 17

protesto e luta, satirizando a elite no período colonial. Utilizada pelos negros como táticas e estratégias para manter viva a sua cultura.

Diante disto as festas acabavam estimulando a quebra das regras e o rompimento dos rigorosos padrões de comportamento exigidos poderes instituídos. Isto porque a aparente “promiscuidade” da festa era a participante maciça de todos os indivíduos, o Estado e a Igreja estabeleciam uma organização que deveria ser respeitada, mas quando a festa começava seus indivíduos estabeleciam outra função para a festa a de protesto contra os abusos cometidos pelas autoridades.

## REFENCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

Artur Ramos. O folclore negro do Brasil. 2ª ed. Rio de Janeiro, Editora da Casa do Estudante do Brasil, 1935.p 18.

CERTEAU, Michel de. A Invenção do Cotidiano. 5. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. p.100

Mendes. Canções Populares do Brasil, Rio de Janeiro, Livraria Cruz Coutinho, p. 16.

Roger Chartier. A história cultural. Lisboa: Bertrand / Difel. 1990 .p17